

Catálogo de autores da Filosofia da Tecnologia - primeira lista - 11/07/2021

Traremos resenhas de autores ligados à filosofia da tecnologia a partir das obras *Filosofia da Tecnologia. Seus autores e seus problemas*, organizada pelo Jelson Oliveira a partir de textos da ANPOF (Caxias do Sul, RS: Educs, 2020) e *Filosofia da tecnologia: um convite*, organizado por Cupani (Florianópolis: Editora da UFSC, 2016).

Da primeira obra, foram analisados seis autores até agora: Gunther Anders, Juan David García Bacca, Albert Borgmann, Mario Bunge, Georges Canguilhem e Gilles Deleuze. Da segunda, trata-se de Ortega y Gasset, Heidegger, Arnold Gehlen, Simondon e Lewis Mumford. São visões panorâmicas e delas destacamos o que mais nos chamou a atenção até agora.

****Filosofia da Tecnologia: seus autores e seus problemas.****

Gunther Anders traz uma visão *antropológica* de um *ser humano sem mundo*, que nasce sem um lugar e que esse deve ser construído pela técnica misturando *antropogênese* e *tecnogênese*. Mas, da evolução técnica para a tecnologia, podemos acabar em um *mundo sem ser humano*, dados os exemplos de usos perversos do conhecimento que podem juntar *niilismo* e nossa *aniquilação*, isto é, seu conceito de *aniilismo*. Anders também aborda nossa *obsolescência* perante a tecnologia e a criação de uma *Technature* que nos torna *objetos da técnica*. Se caracterizado na vertente *determinista* e preocupado com a *ontologia tecnológica*, aponta que a *criatividade* pode ter um papel importante nesse cenário.

Juan David García Bacca. Em linhas gerais, nos parece que Bacca faz um *elogio da técnica* entendendo a realidade de modo *tecnocêntrico* e a superação do natural pelo artificial, que tudo transforma em artefatos. É como se a técnica trouxesse uma *ordem artificial e humanizadora* ao Universo, de acordo com os propósitos do homem. Relevante para ele é a *criatividade*, que é tratada como uma *potência criadora* com característica metafísica, um *fim supremo*.

Albert Borgmann é filiado a Heidegger com seu *paradigma do dispositivo* e olhar para a *essência do tecnológico* de um ponto de vista metafísico. Em sua análise, a tecnologia nos afasta da realidade e das questões essenciais, que são as *práticas focais* que usam a tecnologia como meio. Borgmann aponta problemas no *pós-modernismo tecnológico* que se caracteriza pela

hipermodernidade do _universo cibernético irreal_ e que deveria ser combatido por _relações incorporadas_, pela refutação do imediatismo e uma _análise ética_ da internet e da quantidade de informação recebida. Mas é uma _visão otimista_ que busca o equilíbrio na adoção tecnológica e que em um ponto se aproxima da visão cristã de _engajamento comunitário_ e cuidado com o outro.

Mario Bunge tem uma _visão otimista_ da tecnologia, como campo de conhecimento associado ao científico, metódico e controlado, para _produção_ de artefatos eficientes_ a partir de recursos naturais e sociais e que se aperfeiçoa. Também contribuem _criatividade e inovação_, mas o conhecimento tecnológico, espalhado nas várias, transforma lei científica em enunciado prático. Enfatiza-se a _tecnologia da informação_, embora ele seja _crítico_ da equiparação do cérebro com um computador_. Vinculado à _tradição iluminista_, embora veja os excessos da tecnologia, não foca neles.

Georges Canguilhem. Aqui trata-se de um _estudo de caso_ da técnica de gestação de fetos por máquinas, _ectogênese_, _que, se sujeita a _questões éticas_, seria defendida por Canguilhem na linha de Descartes. Além disso, mostra o papel de retrovírus em tais experimentos, _vírus que competem com o homem na hegemonia do planeta_, mas muito pelo cultivo em populações humanas que os mantêm e transmitem. Por fim, a _vida como experiência maquínica_ mostra que há uma continuidade entre a vida e o homem por meio da técnica.

Gilles Deleuze. Partindo dos conceitos deleuzianos, já que Deleuze não tem propriamente uma teoria sobre a técnica, há o _ponto de vista ontológico_ pelo _estatuto da diferença_: “o Ser é unívoco e imanente à multiplicidade dos entes como diferença”. É a _noção virtual-atual_ fundamental da diferença como devir, atualização do virtual dentro do campo imanente. Similarmente, a tecnologia não se esgota no tecnológico, posto que há a _imanência técnica_, um modo nosso de ser, epistêmico, que expressa uma _multiplicidade tecnológica_. É a técnica o campo de sentido que permite a compreensão tecnológica que tem _uma produção planejada e outra impensada_, diferencial. A tecnologia se aproxima da multiplicidade e a técnica da univocidade, mas numa relação imanente pois _a técnica é unívoca_ como sentido de nossa época, expressada na multiplicidade dos entes tecnológicos.

****Filosofia da tecnologia: um convite.****

Ortega y Gasset fala de técnica e _produção_, trazendo o _raciovitalismo_ em que a razão responde _necessidades vitais_ por um _ato de liberdade_. Além disso, os atos técnicos superam a satisfação pela produção resultado do _projeto_ que obtém o que não há, gerando uma _sobre natureza_. Porém, para

ele, visando o viver bem, produzimos o supérfluo e vamos progredindo de acordo com _circunstâncias_, já que _a vida não é dada_, é um constante problema onde o homem está na _situação de técnico_. Ortega y Gasset faz uma distinção em épocas, partindo dos primórdios onde as invenções se dão por acaso, depois na Grécia, Roma e Idade Média, há a técnica dos artesões e produção de instrumentos até o século XX, onde a técnica já não é natural e predomina o _império das máquinas_. É aí que ele faz uma crítica dizendo que a plenitude tecnológica pode levar ao _vazio existencial_.

Heidegger faz uma passagem da técnica tradicional para a moderna. Na primeira, há noções gregas como o _telos_ (finalidade) que faz com que uma coisa surja, além da noção irrefletida de _causa e efeito_, ou a _poiesis_ (produção) que traz à presença algo que há ocorre na _physis_ (natureza). Já na segunda, desafiamos a natureza para que ela se torne disponível ao homem. Se os antigos cuidavam da natureza, agora a técnica tem por objetivo _desafiá-la_ para que forneça algo para o homem_. Nessa, até o homem deve ficar disponível, mas, conforme destaca Cupani, para Heidegger ainda haveria uma _liberdade de resistência_. Mas, as teses metafísicas e linguagem obscura do autor dificultam a nossa compreensão.

Arnold Gehlen mostra, de um ponto de vista _antropológico_, que nos valemos das técnicas para _transformar a natureza_ e isso fazendo parte de nossa _essência_, já que carecemos de órgãos e instintos de adaptação ao ambiente. Contudo, o caminho da técnica é de substituir o orgânico pelo _inorgânico_, que é mais fácil de conhecer racionalmente e experimentalmente e em linha com o _modo de produção capitalista_. Ele mostra que há, também, uma técnica sobrenatural, a _magia_ que, junto com a técnica, visam facilitar a ação humana e evoluem da ferramenta para a máquina, que dispensa energia humana, até o autômato, com processos autorregulados. Há, nesse caminho _iluminista_, uma _cultura das máquinas_ e que leva a indústria a viver da _obsolescência das mercadorias_ e tem como efeitos um _prejuízo à nossa dimensão emotiva_ pois, até a Revolução Industrial, nosso contato com o mundo orgânico trazia dependência das forças naturais e, depois dela, a prioridade do inorgânico não suscita um _padrão moral_ que traz consequências negativas para nossa alma. Contudo, como bom conservador, o autor não aponta soluções, segundo Cupani.

Simondon trata da _gênese do objeto técnico_ que evolui _do abstrato ao concreto_ se aperfeiçoando, do artesanal e instável ao industrial, _mantendo como essência a técnica_. Quando concreto, se torna independente e se aproxima do objeto natural, todo esse processo mostrado pela _cultura técnica_ que esquematiza o funcionamento dos objetos. Ele enumera três níveis no mundo técnico: elementar, quando o avanço não ameaça hábitos tradicionais, a era da

termodinâmica e por fim a _era da informação_ que regula e estabiliza o mundo. Para ele, a evolução técnica é análoga a de um ser vivo onde ocorre a criação de um meio para o objeto. Porém, a filosofia deve tentar compreender a _índole dos objetos técnicos_ por meio de um _ensino de iniciação à técnica_ que forme pessoas capazes de entender a natureza das máquinas e que permita superar nossa _angústia_ atual frente às máquinas e compreender os objetos como _portadores de informação_, sua história, como resolveram problemas e como o homem foi estabelecendo uma relação prática com o mundo.

Lewis Mumford trata da _mecanização_, que é um _ritmo da máquina_ que nos afasta do _mundo real_ por meio de _abstrações_ e é favorecida pela _associação entre a técnica e o capitalismo_, porém mais em proveito particular. Nas etapas do desenvolvimento tecnológico que ele enumera, passamos inicialmente pelas invenções mecânicas que nos levam a _deixarmos de ser o motor energético_ e enriquecem nossa vida, para um período da _indústria inorgânica_ baseada em carvão e ferro que degrada a vida humana pela _exploração e depauperação das pessoas_. Há então uma _mudança axiológica_ que traz aceleração do tempo em busca de ganho para chegarmos no uso da eletricidade e ligas metálicas que, entre conquistas, problemas e compensações, suscita a questão do _papel da máquina_ no melhoramento da existência humana. Para Mumford, _a máquina_ é o processo tecnológico como um todo, pela nossa mente permitindo a criação de artefatos, desde o surgimento da civilização, mas que _concentra poder e dominação_. Pois que é o _mito da máquina_, então, que nos conduz a uma _megamáquina_ constituída de seres humanos e o _impulso obsessivo de controlar natureza_ que pode nos eliminar. Diante disso, precisamos de um _modelo diferente de vida_ para superar essa condição derivado não das máquinas, mas dos organismos vivos e dos complexos orgânicos (ecossistemas).